

TEATRO E SOCIEDADE EM OS QUE FICAM, DA COMPANHIA DO LATÃO

Lorena Jordão Magalhães (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Alexandre Villibor Flory
(Orientador), e-mail: ra106813@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
(CCH) /Maringá, PR.

Letras/ Teoria Literária

Palavras-chave: teatro épico, arte e sociedade, Companhia do Latão.

Resumo:

Este trabalho é uma pesquisa de Iniciação Científica de modalidade PIBIC que teve o intuito de compreender, problematizar e dar forma estética às dificuldades e à importância de se fazer arte engajada nos dias atuais, a partir de uma análise crítica da peça *Os que ficam* (2015), da Companhia do Latão. A peça estabelece um diálogo teatral com a tentativa frustrada da encenação de uma peça de Augusto Boal, no início dos anos 1970, e retrata os limites de se produzir teatro quando a repressão ditatorial estava cada vez mais sufocante, impedindo qualquer tomada de posição diante da realidade – o que compõe um paralelo com a situação atual em que é criada e encenada, no contexto da efervescência política em torno do impeachment de Dilma Rousseff. A forma desconexa, assim como nossa matéria social, permite uma leitura sensível do percurso das experimentações estéticas no Brasil, possibilitando as correlações do mundo ficcional temporalmente posto, com as sequelas do presente. Para isso, partimos da perspectiva do materialismo dialético para fazer a mediação entre a estética e o contexto histórico, abrindo margem para os estudos dos elementos do teatro épico, a resistência da cultura contra os interesses do capital e a necessidade da retomada da perspectiva do teatro de grupo, lutando por direitos não respeitados na atualidade.

Introdução

Os limites de se fazer arte política não foram impostos hoje: possuem raízes históricas e sociais muito mais antigas do que imaginamos, atreladas à exploração e à repressão que grande parte da cultura brasileira sofreu, principalmente ao longo da ditadura militar brasileira de 1964 a 1985. A fim de compreender, problematizar e dar configuração estética à dificuldade e à importância de se fazer arte engajada hoje, esta pesquisa de Iniciação Científica de modalidade PIBIC se propôs a estudar a peça *Os que ficam*, da Companhia do Latão, que esteve em cartaz em janeiro de 2015, no Rio de Janeiro, integrando as atividades da exposição dedicada à Augusto Boal, no Centro Cultural do Banco do Brasil; teve, também, a estreia no mesmo ano em São Paulo, como parte das comemorações dos 18 anos de trabalho da Companhia do Latão. *Os que ficam* retrata os limites de se produzir teatro no

início dos anos 1970, quando a repressão da ditadura militar estava incontornável, impedindo qualquer tomada de posição diante da realidade, ainda mais devido ao fato de que muitos militantes estavam exilados do país ou estavam sofrendo represálias. A forma desconexa, que elabora artisticamente, em alguma medida, aspectos de nossa matéria social, permite uma leitura sensível do percurso das experimentações estéticas no Brasil e como a vida social foi apropriada formalmente – o que possibilita fazer correlações entre o mundo ficcional posto e a situação presente.

Materiais e Métodos

A metodologia da pesquisa é de análise qualitativa, de cunho descritivo e de revisão bibliográfica, inserida na corrente do materialismo dialético, que parte do pressuposto de que a arte está relacionada dialeticamente com o processo social e histórico. Para realizar essa revisitação histórica e estética, o trabalho discutiu e examinou a assimilação brasileira do teatro épico, fundamentais para o estudo da peça e do teatro brasileiro dos anos 1960 e 1970, bem como o de agora. Além disso, foi indispensável estudar a própria linha da crítica literária em questão, uma vez que tal revisitação proporciona a assimilação do papel da cultura contra os interesses políticos e sociais que permeiam a nossa história.

Resultados e Discussão

As experimentações do teatro épico em âmbito brasileiro, sobretudo a partir da década de 1960, dialogam com a peça estudada e foram essenciais para entendermos a dramaturgia da época e a atual, bem como a organização de artistas e grupos, como a Cia do Latão – que, no contexto atual, se vale das lições deste teatro. Portanto, em um primeiro momento, estudamos o teatro brasileiro dos anos 1960 e suas expressões artísticas organizativas da cultura política, em especial a atuação de Augusto Boal, que esteve na linha de frente do Teatro de Arena, percorrendo uma trajetória significativa na formação de artistas e da cultura. Embora sua trajetória e produções sejam excepcionais e vastas, focamos na peça *Revolução na América do Sul*, escrita em 1960, devido à afinidade com o objeto do trabalho (a peça *Os que ficam*). Além de Boal, a fundamentação teórica proposta por Bertolt Brecht é essencial para o recorte da pesquisa, visto que são figuras centrais para a trajetória da Cia do Latão, já nos anos 1990 – e não só para o Latão. *Os que ficam* tece um diálogo com trechos da peça *Revolução na América do Sul* e com a autobiografia de Boal, *Hamlet e o filho do padeiro*, além de usar correspondências de Boal do exílio. “Caro Fernando, [...] A personalidade do exilado corre sério risco de desintegração. Em Buenos Aires, me sinto invisível. Me olho no espelho vazio e todo mundo foi embora. Eles, vocês. Até eu. Difícil fazer a barba quando não se vê a imagem” (CARVALHO, 2019, p. 75). *Os que ficam* conta a história de um grupo de teatro engajado que tenta remontar, em 1970, a peça *Revolução na América do Sul*, escrita e encenada em 1960 por Boal, mas que se depara com muitos entraves da época: em plena ditadura, com a repressão e o exílio de muitos militantes, o que causou não só ausência física dos artistas, mas também ideológica. Afinal de

contas, numa época sensível, quando não se pode fazer uma revolução coletiva/social, parte-se para uma solução que se volta para o nível individual, onde o artista aceita ser mera mercadoria – essa é uma das dimensões da peça em questão. Essa questão mostra a atualidade da peça: se em 1970 o grupo de teatro não conseguiu fazer a montagem de *Revolução na América do Sul*, não seria possível fazê-lo, também, em 2015, devido aos protestos esvaziados, “panelaços” e alienação do povo brasileiro, em torno de uma agenda neoliberal. Com isso se percebe que a peça é formada pelo cruzamento entre três tempos: a encenação atual, em 2015; o da escrita e primeira encenação de *Revolução na América do Sul*, em 1960; e a tentativa frustrada de reencená-la em meados dos anos 1970, em contexto completamente diferente. Há uma importante necessidade contemporânea de atualizar esses dois momentos passados e compreender seu lugar hoje, a maneira como eles ainda estão pertinentes e não superados.

Percebemos, ao longo dos estudos, como a dramaturgia brasileira teve três grandes ciclos de politização: 1930, 1960 e 1990. A Cia do Latão está inserida na última década e atuando, até hoje, com uma produção artística extremamente crítica e com ampliação do conceito de estética, marcado tanto pela elaboração artística como pela ativação de uma participação em debates públicos, a fim de propor uma tomada de posição coletiva diante de processos históricos pelos quais passamos.

Compreendemos, ainda, que a forma épica da peça permite, à luz do materialismo dialético, realizar a mediação entre a estética e processo histórico-social em que a peça está inscrita e, também, as outras faces que mobiliza, como a resistência da cultura contra os interesses do capital e a necessidade da retomada do teatro de grupo articulado, em especial a Companhia do Latão. Esta é caracterizada por uma produção teatral desenvolvida nas salas de ensaio e nos circuitos extra-acadêmicos, sendo muito reconhecida como um dos grupos de teatro mais importantes do Brasil. A atuação próxima aos movimentos sociais, políticos e a pesquisa formal são as bases do projeto artístico do Latão e foram revisitadas por esta pesquisa.

Conclusões

O intuito das produções do Latão, em especial de *Os que ficam*, é lançar uma dramaturgia cujo cerne está em um registro realista dialético, marcada por anti-ilusionismo; avesso ao sentimentalismo dramático, não abre mão da fábula, antes para se pensar sobre ela do que para corroborá-la. Dessa forma, ao longo dos anos, a trajetória da Cia do Latão passou por diversos momentos político-culturais, sempre oposta aos modos hegemônicos da atividade artística em uma sociedade orientada pela lógica do capitalismo tardio (cultura mercantilizada). No entanto, atualmente, não vivemos prontamente em uma ditadura, como no recorte da peça, mas sofremos, ainda, com as consequências dela, vivendo em meio a tantos fatores liquidados pelo conservadorismo e pela falta de políticas públicas voltadas à cultura, o que limita ainda mais o trabalho da arte crítica e engajada. Por isso, o estudo de produções que são sensíveis ao que já foi mencionado se faz tão importante. *Os que ficam* ressoa o tensionamento das instabilidades e incongruências de um Brasil ainda mais conservador que na década de surgimento da Cia do Latão; cada vez mais tomado por políticas neoliberais, flertando, inclusive, com ideais fascistas. A

arte é um bom caminho para entendermos como chegamos até aqui, primeiro passo para a compreensão dos travamentos do momento atual.

Agradecimentos

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica – PIBIC/CNPq-FA-UEM.

A Alexandre Villibor Flory, pela orientação nesse trabalho de iniciação científica, pela contribuição no meu processo de formação acadêmica.

Ao Grupo de Crítica Literária Materialista da UEM, pelo espaço coletivo de formação teórica e política que vêm me proporcionando.

Referências

BOAL, A. A Revolução na América do Sul. In: **Teatro de Augusto Boal**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARVALHO, S. **Introdução ao Teatro Dialético**: Experimentos da Companhia do Latão. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Os que ficam**. São Paulo: Temporal, 2019.

COSTA, I. C. **A hora do teatro épico no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

_____. **Nem uma lágrima**: teatro épico em perspectiva dialética. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Nankin Editorial, 2012.

_____. **Sinta o drama**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

FARIA, J. R. **História do Teatro Brasileiro II**: do Modernismo às Tendências Contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MELLO, K. B. **Boal em três tempos no Arena**: texto, cena, crítica e teoria; 2016; Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, 2016.

PERUCHI, C. H. **Formas épicas da dramaturgia da Companhia do Latão**: teoria, história e crítica. (Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Estadual de Maringá), 2016.

ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.